

«O estabelecimento dos mercadores-banqueiros alemães em Lisboa no início do século XVI»

por *Jürgen Pohle*

(Universidade Atlântica;

CHAM/ Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores)

[Comunicação proferida no âmbito do Colóquio Internacional “Portugal na Confluência das Rotas Comerciais Ultramarinas” (3./4.12.2010), Lisboa, Universidade Nova/ FCSH, (3.12.2010, às 16h00)]

Abstract:

Na denominada “primeira era da globalização” os Descobrimientos Portugueses influenciaram, como nenhum outro acontecimento desta época, decisivamente as relações políticas, económicas e culturais entre Portugal e a Alemanha. Sobretudo as ligações comerciais atingiram no início do século XVI uma fase muito intensa.

A partir de 1503 estabeleceram-se em Lisboa várias casas comerciais de Nuremberga e de Augsburg. Estas empresas da Alta Alemanha procuraram, em conjunto, entrar em negociações diretas com a coroa portuguesa relativamente ao comércio colonial. Conseguiram que D. Manuel I lhes concedesse o vantajoso *Privilégio dos Alemães* (1503-1511). Em 1505 e 1506 participaram, em consórcios, na armação das frotas de Índia.

Os relatos dos agentes comerciais alemães, que viajaram para Portugal e ao espaço colonial português, constituem fontes de grande valor no âmbito da História dos Descobrimientos e da História Económica e Social no alvorecer da Modernidade.

In the so-called “first age of globalization” the Portuguese Discoveries influenced decisively as no other event of this age, the political, economic and cultural relations between Portugal and Germany. Mainly the commercial links reached a very intense phase in the beginning of the sixteenth century.

Starting from 1503 several trade houses of Nürnberg and Augsburg settled in Lisbon. Together, these companies of Upper Germany tried to enter into direct negotiations with the Portuguese Crown as far as the commercial trading was concerned. They managed to be granted by King Manuel the advantageous *Privilege of the Germans* (1503-1511). In 1505 and 1506 they participated in consortia in the arming of the fleets to India.

The reports of German commercial agents, who traveled to Portugal and to the Portuguese colonial space, are sources of great value in the History of Discoveries and of the Economic and Social History at the dawn of Modernity.

A presença alemã em território português, que se deixa documentar já nas lutas da Reconquista no século XII, baseou-se durante a Idade Média na vinda e no estabelecimento dos mercadores da Liga Hanseática. Desta forma, as relações luso-alemãs concentraram-se

até ao fim da Idade Média Tardia quase exclusivamente nas ligações estabelecidas por alemães geralmente oriundos do Norte do Sacro Império Romano-Germânico.

A partir da segunda metade do século XV encontramos na colónia alemã em Lisboa, além destes mercadores da Baixa-Alemanha, cada vez mais pessoas de outras partes do Império e uma estrutura profissional já mais variada. Uma das razões para este facto pode relacionar-se com o casamento, efectuado em 1451, entre o imperador, Frederico III, e D. Leonor, irmã do rei português D. Afonso V. Este casamento contribuiu não só para a intensificação das relações diplomáticas entre as casas de Avis e de Habsburgo, como também para um aumento dos contactos entre Portugal e o Sul da Alemanha. Todavia, o factor mais relevante, que influenciou positivamente as relações luso-alemãs, prende-se com o desenvolvimento da expansão marítima portuguesa na viragem do século XV para o século XVI.

Sabe-se que vários alemães, já no século XV, entraram em contacto com o espaço colonial português. Entre estes aventureiros deparamo-nos com alguns nobres, mercenários e mercadores como, por exemplo, Martin Behaim, essa figura tão conhecida como polémica dentro da História dos Descobrimentos. Em 1494 Hieronymus Münzer, médico e humanista de Nuremberga, viajou para a Península Ibérica, procurando em Novembro deste ano D. João II na corte real em Évora, onde conversou com o monarca português sobre questões relacionadas com a cosmografia, as viagens dos descobrimentos e aspectos económicos da expansão portuguesa. Münzer seguiu de Évora para Lisboa, onde visitou também a Casa da Mina.

No fim do século XV encontramos em Portugal, além de Martin Behaim e Hieronymus Münzer, outros alemães de Nuremberga e de Augsburgo em Lisboa, todos eles mercadores: Hans Stromer, que aí faleceu em 1490, bem como Anton Herwart, Kaspar Fischer e Nikolaus Wolkenstein, que acompanharam Münzer na sua viagem à Península

Ibérica em 1494/95. Todas as pessoas acima mencionadas praticaram ou observaram o comércio em Portugal. As informações obtidas *in loco* serviram decerto às casas comerciais da Alta-Alemanha para apostar nas relações económicas com Portugal.

É de salientar também o interesse do imperador Maximiliano I, primo direito de D. João II e D. Manuel I, numa expedição luso-alemã para Cathay. As negociações com os Fugger e os Gossembrot de Augsburg, para participarem no financiamento desta empresa ficaram, contudo, sem sucesso.

Nos anos 90 do século XV houve pela primeira vez na Alemanha uma ocupação intelectual mais intensa com a expansão colonial de Portugal. O ponto de chegada da recepção das notícias sobre os descobrimentos portugueses era a cidade de Nuremberga, que contava com a existência de um círculo de humanistas, destacando-se dentre eles homens tão ilustres como Hartmann Schedel, Conrad Celtis ou o já mencionado Hieronymus Münzer, que com grande curiosidade e muito atentamente seguiram o decorrer das expedições marítimas.

Como vimos, os mercadores-banqueiros de Nuremberga e de Augsburg encontravam-se bem preparados para estender os seus negócios a Portugal, quando chegou a espectacular nova da descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco Gama. Com a abertura da Rota do Cabo as relações económicas entre Portugal e o Sacro Império Romano-Germânico encaminharam-se para a sua fase mais intensa.

No início do século XVI chegaram as cobiçadas riquezas do espaço asiático a Portugal. Foram, sobretudo, as especiarias orientais que atraíram os mercadores estrangeiros. Assim, não é de estranhar que várias firmas da Alta-Alemanha se estabelecessem em Lisboa, onde fundaram feitorias e mantinham os seus agentes comerciais.

As relações económicas luso-alemãs tiraram também proveito das dificuldades em que se encontrava o comércio levantino praticado pelos venezianos. A guerra entre Veneza e o Império Otomano bloqueou, a partir de 1499, as rotas pelas quais, habitualmente, as especiarias orientais chegavam à Europa. Alguns mercadores-banqueiros alemães estabelecidos em Veneza ainda colocaram a hipótese de se transferir para Génova, mas, em vez disso, decidiram expandir os seus negócios para a capital portuguesa.

As primeiras fontes que provam a existência duma feitoria alemã em Lisboa, datam de Setembro de 1503. Foi Lucas Rem que aí comprou uma casa para a Companhia de Anton Welser e Konrad Vöhlin. Já em Fevereiro do mesmo ano os representantes desta célebre casa comercial de Augsburg tinham entrado em contacto directo com D. Manuel I que lhes concedeu privilégios muito vantajosos. No seu diário, Rem, o primeiro feitor dos Welser-Vöhlin em Lisboa, relata-nos pormenores interessantíssimos sobre os negócios que ele efectuou com a coroa portuguesa, as suas estadias no espaço colonial português, particularmente na Madeira e as condições de comércio e da vida em Lisboa no início do séc. XVI.

Também nos anos de 1503/04 encontramos na capital portuguesa alguns membros da casa Holzschuher. Não sabemos, porém, se esta casa, oriunda de Nuremberga, fundou uma filial na cidade do Tejo.

No entanto deixa-se provar, que os Fugger e os Imhoff ergueram aí uma feitoria em 1504, seguidos pelos Höchstetter de Augsburg e os Hirschvogel de Nuremberga. Todas estas casas comerciais da Alta-Alemanha participaram directamente na expedição que foi para a Índia em 1505 sob o comando de Francisco de Almeida, num consórcio que incluiu também os Gossembrot de Augsburg e alguns mercadores-banqueiros de Génova e de

Florença. Este consórcio investiu em três dos 20 navios daquela frota uma soma de 65.400 Cruzados. Os Welser contribuíram com 20.000 Cruzados, ou seja, quase um terço desta soma, e tiraram grande proveito daquela empresa. Pelas indicações do seu feitor, Lucas Rem, o lucro rondou os 150%. – Menos favoráveis foram os resultados financeiros da segunda participação alemã numa armação de uma frota da Índia. Foram novamente os Welser que investiram juntamente com os Imhoff de Nuremberga e o português Rui Mendes em três dos 15 navios, que em 1506 partiram sob o comando de Tristão da Cunha, mas desta vez apenas com cerca de 3.500 Cruzados. Como se perderam dois dos três navios já na ida para a Índia, esta expedição terminou para os investidores germânicos num fracasso. Nas décadas seguintes os mercadores-banqueiros alemães desistiram da sua participação financeira nas aventuras ultramarinas portuguesas, o que se explica não apenas com o insucesso da empresa de 1506, mas, em primeiro lugar, pela política monopolista de D. Manuel I e as práticas comerciais duvidosas do monarca português, das quais Lucas Rem se queixou de sobremaneira no seu diário.

O comércio da pimenta esteve nas primeiras duas décadas do século XVI no centro das atenções de todas as firmas alemãs, envolvidas no comércio com a coroa portuguesa. Os Fugger – só para dar aqui um exemplo – pertenceram entre 1512 e 1516 a um consórcio, que comprou, anualmente, 20 Quintais de pimenta, pagando um preço fixo de 22 Cruzados por Quintal. Por vezes negociaram ainda à parte com o feitor da Casa da Índia acerca de contratos de pimenta, como aconteceu em 1513, quando conseguiram receber ainda mais 72 Quintais desta especiaria.

No que concerne aos produtos que os mercadores-banqueiros alemães exportaram para Portugal destacam-se claramente os metais preciosos. No primeiro quartel do século XVI foram fornecidas à Casa da Moeda grandes quantidades de prata e cobre que eram indispensáveis para efectuar trocas comerciais no Índico. – Outras mercadorias de relevo,

que chegaram a Portugal através dos comerciantes alemães, eram objectos de latão, destinados ao comércio africano, e ainda armas, chumbo, madeira e cereais.

Em suma: os mercadores-banqueiros alemães desempenharam um papel fundamental como investidores e fornecedores de metais e tornaram-se temporariamente, a par dos mercadores-banqueiros italianos, os parceiros comerciais mais relevantes da coroa portuguesa. Tal reflecte-se sobretudo no denominado “privilégio dos alemães”, ou seja, nos privilégios que lhes foram concedidos por D. Manuel I entre 1503 e 1511, que superaram os direitos e liberdades outorgados aos comerciantes de outras nações estabelecidas em Portugal. O “privilégio dos alemães” foi – como salientaram Virgínia Rau e Maria Valentina Cotta do Amaral – o mais cobiçado por mercadores estrangeiros no século XVI.

Com o estabelecimento das grandes casas comerciais da Alta-Alemanha em Lisboa e a vinda dos seus agentes comerciais, a colónia alemã, existente na capital portuguesa, composta até então predominantemente por mercadores hanseáticos e bombardeiros, teve um crescimento notável. No âmbito da organização da colónia alemã são de destacar, além das feitorias, também as confrarias. A maioria dos alemães residentes em Lisboa juntou-se à irmandade de S. Bartolomeu, que por volta de 1500 era administrada pelos bombardeiros alemães pelo que também era conhecida como a *Confraria dos bombardeiros alemães*. A capela de S. Bartolomeu serviu-lhes de ponto de encontro para a vida espiritual. Os mercadores da Alta-Alemanha associaram-se primeiro àquela confraria, tencionando depois construir uma capela própria. Como este projecto não se concretizou, resolveram unir-se na capela da *Confraria de S. Sebastião* para exercer o culto religioso. Outros membros da colónia alemã encontravam-se no convento dos Dominicanos (sede da irmandade de Santa Cruz e de Santo André).

Com o estabelecimento dos mercadores-banqueiros alemães aumentou também o intercâmbio cultural entre Portugal e a Alemanha. É de destacar aqui o papel de Valentim Fernandes, esse célebre tipógrafo oriundo da Morávia. Valentim Fernandes não se notabilizou apenas pelas suas obras tipográficas, mas também pela colecção de escritos e notícias acerca da expansão marítima portuguesa e a transmissão de muitas destas informações para eruditos e mercadores na Alemanha. Valentim Fernandes gozou de uma posição privilegiada na corte de D. Manuel I e desempenhou (desde 1503) a função de “corretor” e “tabelião” dos mercadores alemães residentes em Lisboa. Foi com a ajuda de Valentim Fernandes, que os mercadores-banqueiros alemães tinham recebido, em 1503, da coroa portuguesa privilégios muito vantajosos que incluíram também a possibilidade de participar directamente nas expedições ultramarinas. Deste modo, encontramos, já na primeira década do século XVI, alguns representantes das casas comerciais de Nuremberga e de Augsburgo em várias viagens à Índia.

A bordo das frotas, que partiram de Lisboa em 1502, 1503 e 1505, estiveram agentes comerciais, oriundos da Alemanha, para observar o comércio marítimo dos portugueses no Atlântico e no Oceano Índico, como mostram os respectivos relatos que deixaram destas viagens.

Na expedição de 1502/03 – trata-se da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia – estiveram envolvidos, pelo menos, dois alemães cujos nomes não conhecemos. Há alguns indícios que apontam para que um dos dois tivesse tido ligação com o comércio de Nuremberga, o que aliás é de supor também no caso do relator anónimo, que em 1503/04 viajou para a Índia. Permanece pouco claro, se este último se tratava de Peter Holzschuher, apesar de sabermos que este acompanhou a expedição de Afonso e Francisco de Albuquerque e que morreu ainda na Índia antes do retorno da frota.

Pode-se provar, todavia, que Balthasar Springer e Hans Mayr fixaram por escrito as impressões recolhidas na viagem à Índia de 1505/06. Mayr fê-lo em língua portuguesa. (Este documento faz parte do denominado *Manuscrito Valentim Fernandes*). – Um terceiro relato, escrito em alemão, que se refere a esta empresa, aponta para que diversos alemães tenham acompanhado a frota de Francisco de Almeida. Também no caso deste fragmento, o nome do autor permanece desconhecido. Possivelmente trata-se de Ulrich Imhoff, do qual sabemos que tinha realizado a viagem ao serviço da casa Hirschvogel. Ao serviço desta empresa de Nuremberga deslocaram-se ainda Lazarus Nürnberger e Jörg Pock à Índia, em 1517 e 1520 respectivamente.

Falando sobre as relações comerciais entre a coroa portuguesa e os mercadores-banqueiros alemães, não podemos esquecer-nos do papel fundamental que o eixo Lisboa-Antuérpia desempenhou. Sobre este caminho marítimo despacharam-se praticamente todas as importações e exportações que tinham relevância no comércio luso-alemão desta época. – Antuérpia, tradicional entreposto dos mercadores de Colónia e do Sul da Alemanha, tornou-se a praça mais importante na distribuição dos produtos coloniais e tanto o rei de Portugal como as grandes casas comerciais da Alta-Alemanha tinham aí as suas feitorias. Depois da transferência da Feitoria de Flandres, de Bruges para Antuérpia, na viragem do séc. XV para o séc. XVI, a feitoria portuguesa de Antuérpia tornou-se o centro de maior relevo para a distribuição de produtos vindos das colónias portuguesas. Entre as mercadorias exóticas, a pimenta da Índia era de longe a mais importante, especialmente depois da decisão de D. Manuel I em vende-la quase exclusivamente em Antuérpia a partir de 1515. Com o comércio da pimenta a florescer, também o comércio de metais alcançou um apogeu. É de realçar, neste contexto, que altos funcionários da feitoria portuguesa de Antuérpia, como Tomé Lopes e Rui Fernandes de Almada, se deslocassem em 1515 e

1519, respectivamente, a Nuremberga e Augsburgo para negociar com os grandes mercadores-banqueiros alemães contratos que envolviam principalmente cobre e prata.

É precisamente nesta altura, em finais da segunda década do século XVI quando se notaram os primeiros sintomas de estagnação, que levaram, por volta de 1520/1525, à retirada de várias casas comerciais alemãs de Lisboa.

São várias as razões que conduziram a este êxito:

- o deslocamento do comércio internacional de especiarias, açúcar e metais para Antuérpia;
- o interesse abruptamente reduzido dos mercadores-banqueiros alemães relativamente à compra da pimenta, que contrasta com a vontade de continuar a vender cobre e prata à coroa portuguesa;
- a morte de D. Manuel I, que tinha favorecido, como nenhum outro monarca português, o comércio alemão em Portugal e – finalmente –
- a ascensão de Sevilha como porto principal na Península Ibérica para o comércio ultramarino, processo este que foi dinamizado após a eleição do Imperador Carlos V, que convidou os mercadores-banqueiros alemães a participarem nas empresas coloniais espanholas.

É, portanto, nesta fase, que várias casas comerciais da Alta Alemanha encerraram as feitorias que tinham em Lisboa e enviaram os seus representantes para Sevilha, mantendo, no entanto, a partir da cidade do Guadalquivir, as suas relações com Portugal.

Termina, desta forma, a fase mais intensa das relações comerciais entre a coroa portuguesa e os mercadores-banqueiros alemães.

Bibliografia:

ALMEIDA, A. A. Marques de (1993), *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos.

AMARAL, Maria Valentina Cotta do (1965), *Privilégios de mercadores estrangeiros no reinado de D. João III*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

AZEVEDO, Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de (1971), *Rui Fernandes de Almada: Diplomata português do século XVI*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos.

BAIÃO, António (ed.) (1940), *O Manuscrito Valentim Fernandes*, Lisboa, Academia Portuguesa da História.

DENUCÉ, Jean (1909), «Privilèges commerciaux accordés par les rois de Portugal aux Flamands et aux Allemands (XVe et XVIe siècles)», *Archivo Historico Portuguez*, 7, pp. 310-319 e 377-392.

EHRHARDT, Marion (1989), *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto.

GREIFF, Benedikt (ed.) (1861), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann'sche Bruchdruckerei.

GROSSHAUPT, Walter (1990), «Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg», in: Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, CCP, pp. 359-397.

HÄBLER, Konrad (1903), *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld.

HÜMMERICH, Franz (1922), *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/06. Ein Unternehmen der Welser, Fugger und anderer Augsburger sowie Nürnberger Häuser*, München/ Berlin, Oldenbourg.

KELLENBENZ, Hermann (1989), «The Portuguese Discoveries and the Italian and German Initiatives in the Indian Trade in the first two Decades on the 16th Century», in: *Congresso internacional "Bartolomeu Dias e a sua época"*. Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto, pp. 609-623.

Idem (2000), *Los Fugger en España y Portugal hasta 1560*, Valladolid, Junta de Castilla y León.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987), «Relações entre Portugal e a Alemanha no século XVI», in: *idem, Portugal Quinhentista*, Lisboa, Quetzal, pp. 9-32

Idem (1993), *Hansa e Portugal na Idade Média*, Lisboa, Editorial Presença [2ª ed.].

POHLE, Jürgen (2000), *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag.

Idem (2007a), *Martin Behaim (Martinho da Boémia): Factos, Lendas e Controvérsias*, Coimbra, CIEG/ MinervaCoimbra.

Idem (2007b), «As Relações luso-alemãs no Reinado de D. Manuel I (1495-1521)», in: *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários*, coord. e prefácio de Maria Manuela Gouveia Delille, vol. I, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos/ MinervaCoimbra, pp. 61-74.

RAU, Virgínia (1970), «Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (séculos XV e XVI)», in: Hermann Kellenbenz (ed.), *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel*, Köln/ Wien, Böhlau, pp. 15-30.

STRASEN E. A./ Alfredo GÂNDARA (1944), *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Lisboa, Instituto Ibero-Americano de Berlim.